

EVA MILLS, VIDA E OBRAS DE UMA PROFESSORA INGLESA EM TERRAS MARANHENSES¹

Loyde Anne Carreiro Silva Veras
Mestranda em Educação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Elizânia Sousa do Nascimento Mendes
Mestre em Educação
Professora Assistente da Universidade Estadual do Maranhão

Resumo:

O estudo apresenta aspectos da vida e obras de Eva Mills, uma missionária protestante inglesa que viveu no Brasil entre os anos de 1928 a 1958. Buscamos compreender como ela constrói-se historicamente no contexto do sertão maranhense em meados do século XX, a partir de seus três livros (auto)biográficos, procurando perceber como uma determinada realidade social foi construída e dada a ler por meio de suas representações. Encontramos uma mulher que constrói uma identidade de professora para se posicionar diante da sociedade além de atender aos interesses institucionais num contexto de acirramento das disputas religiosas entre protestantes e católicos por meio da educação.

Palavras-chave: Eva Mills. Identidade. Educação. Protestantismo.

Este trabalho é uma proposta de análise das *escritas de si* de Eva Yarwood Mills, uma inglesa que viveu no Brasil entre os anos de 1928 a 1958, procurando discutir como ela (re)interpreta-se e constrói-se enquanto sujeito histórico – mulher, missionária protestante e professora. Propomos, pois, um exercício de compreensão do “como” essa “determinada realidade social”, matizada principalmente no contexto maranhense de meados do século XX, foi “construída” e “dada a ler” (CHARTIER, 1990) a partir de seus 3 livros (auto)biográficos: “8:28”(1976), “*Stories from Parakket Country*” (1985) e “Em Lugar do Espinheiro” (sd).

Natural da região de Manchester, Inglaterra, Eva Yarwood (1903-1987) aportou em terras brasileiras em 1928, mais especificamente no porto de São Luís-MA, de onde partiu em companhia do marido David Mills² ao centro do estado maranhense. A expectativa, segundo ela narra (MILLS, 1976), era juntarem-se à Perrin Smith, um missionário protestante, canadense, que residia no Brasil desde o ano de 1903, à época, em Barra do Corda-MA, destino do casal Mills.

¹ Esta pesquisa faz parte de um projeto desenvolvido em parceria entre as autoras

² O casamento ocorreu no mesmo dia em que Eva chegou a São Luís, onde o noivo a aguardava. (MILLS, 1976)

O casal permaneceu algum tempo em Barra do Corda, sob os cuidados e orientações do Smith, migrando posteriormente para a cidadezinha de Imperatriz, à época “apenas uma longa e empoeirada rua, com casa dos dois lados” (MILLS, 1976, p. 41, tradução livre) em companhia do casal Monteiths, missionários australianos. Segundo Silva (1997) e Mills (1976), é deste quarteto a fundação da primeira igreja evangélica de Imperatriz, hoje a segunda maior cidade do Estado do Maranhão. A ação no campo educacional começa de forma muito tímida nesta cidade, onde encontramos indícios de algumas iniciativas com alfabetização de jovens e adultos.

No entanto, o primeiro empreendimento de forma mais proeminente nesta área data de 1933, na cidade de Balsas-MA, onde Eva iniciou uma “escola com o fim de oferecer aos filhos dos crentes uma educação cristã bastante sólida” (SILVA, 1997, p. 35). Iniciou-se ali um “curso de Alfabetização e um curso de preparação para jovens obreiros”, com 6 alunos em regime de internato, somando-se 40 alunos ao todo (MILLS, 1976). Em 1937 o Colégio Cristão, como foi chamado, foi transferido para a cidade de Colinas-MA³, por “ser um lugar mais central em relação às igrejas já existentes” (SILVA, 1997, p. 36). Os fins permaneceriam os mesmos nos anos subsequentes: uma ação educacional voltada para a moral cristã, com objetivos instrumentais: uma resposta a uma demanda social – uma realidade que se apresentava carente de espaços educativos e, conseqüentemente, com grande número de analfabetos na região – bem como a preocupação em formar uma geração capaz de lidar com um elemento básico no *ethos* protestante – a leitura.

Eva Mills trabalhou ainda no Colégio XV de Novembro (1941-44), em Garanhuns-PE, onde além de professora, dirigiu o internato feminino. Iniciou uma escola para filhos de missionários em Fortaleza-CE (1946-48). Assumiu a direção do Internato Amazônia (1950-52), em Breves, na Ilha do Marajó-PA; e, ao fim de seu tempo no Brasil, iniciou o Internato Maranata (1952-1958) em Barra do Corda, onde também ajudou a viabilizar com o apoio de Davina Mills (filha), agora casada com o professor George Doepp, a Escola Normal Regional Maranata (MILLS, 1976; SILVA, 1997).

Com a saúde fragilizada, Eva Mills viajou para os Estados Unidos em 1958, não mais retornando para o Brasil, vindo a falecer em 1987, com Leucemia. Foi em sua aposentadoria, interna no asilo *Calvary Fellowship Home*, nos Estados Unidos, que Eva Mills publicou seu primeiro livro de memórias: o “8:28”. Sobre o “8:28”, assim escreve o historiador Lyndon de Araújo:

³ À época, Picos (nome alterado em 1945).

Mills narrou sua trajetória pessoal no Brasil na forma de um diário em 1976, reunindo impressões e memórias das suas experiências no interior do Brasil. O propósito da obra era religioso e devocional, marcado pela visão teológica de uma missionária europeia, que se deparou com os exotismos das terras brasileiras. No entanto, para além do teor linear e harmônico da narrativa, a obra revela traços marcantes da cultura maranhense, da geografia, dos tipos sociais, das concepções religiosas e da vida comum, a partir do olhar da autora. Demonstra também os conflitos vividos em termos de adaptação cultural. (SANTOS, 2006, p. 48)

“8:28” é sua autobiografia, no sentido clássico definido por Philippe Lejeune (2014), onde Mills narra sua própria trajetória de vida de forma mais veemente, dando atenção especial ao tempo em que esteve no Brasil, convertendo para este país todos os detalhes de sua vida na Inglaterra. O nome do livro é justificado logo no prefácio como fazendo referência ao que foi seu maior empreendimento: “Primeiramente, o título foi sugerido pela data: 28/08/1928. Foi no dia 28 de agosto de 1928 que parti de Liverpool, Inglaterra, para o Norte do Brasil, em obediência à orientação de meu Pai celestial” (MILLS, 1976, p. 7, tradução livre).

O segundo motivo do nome “8:28” diz respeito à passagem bíblica de Romanos 8:28: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados de acordo com seu propósito” (MILLS, 1976), verso que vai ajudar a construir um sentido de *trajetória de vida*, presente nas 3 obras, uma unidade “coerente” – chamada divina, *vocacional*, que a leva a superar os desafios – capaz de dar sentido tanto a si, como a outros (BOURDIEU, 1996).

Mills ainda publica *Stories from Parakket Country* [História do País dos Periquitos], que, assim como o 8:28, foi publicado em Lancaster, Pennsylvania, Estados Unidos. No Brasil, houve uma terceira publicação: *Em lugar do espinheiro*, o único livro publicado em português. A temática principal dos três livros é o Brasil, trazendo relatos de experiência desta vivência em terra estrangeira, não só de sua própria vida (8:28), mas também pondo em relevo outros personagens nesta caminhada (História do País dos Periquitos e Em Lugar do Espinheiro). Toda a narrativa é matizada, e até justificada, a partir do campo religioso protestante, onde encontramos o acionamento do sagrado como um elemento preponderante na construção e *reconstrução* identitária de uma vida, percebidos na identificação da autora com um público leitor religioso, nos usos constantes de referenciais cristãos e na (re)elaboração de ações e acontecimentos a partir de referenciais bíblicos.

Em suas literaturas há diferentes *Evas* narradas, diferentes mulheres de acordo com os campos e momentos em que ela se circunscreve. Há a Eva da infância, de família nobre, e a Eva da

juventude, que enfrenta os pais, alimentando o desejo de ir a “ terras selvagens e desconhecidas do Norte do Brasil” (MILLS, 1976, p. 25, tradução livre). Há a Eva que casa em terra estrangeira, com o também inglês e cúmplice nos sonhos “missionários”. Há a Eva que se descreve casada e há a Eva que se descreve professora – categorias que parecem não se anularem, mas são capazes de definir identidades e posições sociais contrastantes. Há Evas nas relações de gênero – “uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21), “um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1989, p. 23).

Compreender a trajetória de vida de Eva Mills, enquanto sujeito histórico, sua experiência em solo brasileiro, bem como suas representações (de si e do outro), nos trazem elementos significativos para a compreensão de uma realidade vivenciada por esta inglesa no interior do Maranhão da primeira metade do século XX. Nos escritos de Eva Mills, vemos como ela se utiliza das lacunas e oportunidades do contexto sócio-educacional do sertão maranhense. Ao criar escolas, Eva gradativamente se afirma enquanto professora numa estratégia de se posicionar diante da sociedade local e do grupo de missionários com os quais convivia. Dessa forma ela não só aciona sua própria formação e experiência anterior (fora professora na Inglaterra), quanto compatibiliza-se com os interesses institucionais, não apenas na alfabetização dos crentes, mas também pela demarcação de uma disputa institucional pelo controle da religiosidade, dos corpos e da moralidade do indivíduo do interior do Maranhão entre projetos educacionais católicos e projetos protestantes que avançavam sobre essa região desde o início do século XX.

Apesar de modelos diversos de escola vivenciados por Eva Mills, os fins apontam para uma preocupação com a formação de uma geração capaz de propagar e perpetuar os valores que lhes eram caros: a moral cristã protestante, atendendo os interesses do grupo: oportunizando o acesso à leitura e à escrita, em um contexto narrado como “selvagem” e desprovido de escolas, bem como possibilitando a formação de uma liderança instruída dentro do próprio grupo.

Eva Mills não só escreveu sobre si, mas escreveu sobre algo maior que ela. Não só se deu a ler em seus escritos, mas, intencionalmente ou não, deu a ler toda uma conjuntura imbricada em um contexto de relações de poder, de gênero, no público e no privado, no campo religioso, político, educacional. “E é isso que interessa à história: compreender o que, por que e como o relato de uma vida, ou de partes de uma vida, tem de significativo para o conhecimento das relações humanas” (CALADO, 2012, p. 30).

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Trad.: Maria Corrêa. Campinas, SP: Papirus, 1996

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad.: Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

CALADO, Eliana Alda de Freitas. **Autobiografia de Simone de Beauvoir**: sujeito, identidade, alteridade. Tese de doutorado, apresentado ao departamento de pós-graduação em história da Universidade de Brasília, 2012. Disponível em:
http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10823/1/2012_ElianaAldadeFreitaCalado.pdf. Acessado em: 20/04/2016

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**; tradução de Maria Manuela Galhardo. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1990

_____. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFGS, 2002

KARAWEJCZYK, Mônica. As sufragettes, a luta pelo voto feminino. In: **História, imagem e narrativas**. No 17, outubro/2013 - ISSN 1808-9895 – disponível em:
<http://www.historiaimagem.com.br/edicao17outubro2013/03sufragettes.pdf> (acessado em: 7/7/2016)

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2008

MILLS, Eva. **8:28**. Lancaster: Brookshire Publications, 1976

_____. **Em lugar do espinheiro**. Belem: Missão Cristã Evangélica do Brasil, sd

_____. **Stories from parakeet country**. Lancaster: ufm internacional, 1985

PERROT, Michelle. “Práticas da Memória Feminina”. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 8, n. 18, ago/set.1989

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol 5, n. 10, 1992, p. 200-2012

SANTOS, Lyndon de Araújo. **As outras faces do sagrado**: protestantismo e cultura na primeira república do Brasil. São Luís: EDUFMA, 2006

SCOTT, Joan Wallach. “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**”. Tradução: Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Texto original: Joan Scott – Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989. Disponível em: <http://www.observe.com/upload/935db796164ce35091c80e10df659a66.pdf> (Pesquisado em: 11/06/2016)

SILVA, Abdoral Fernandes da. **A vida de um servo**. São Luís, sd

_____. **Nossas raízes**: a história da Aliança das Igrejas Cristãs Evangélicas do Norte do Brasil (AICENB). 2 ed. São Luís, 1997

VIÑAO, Antonio. Las autobiografias, memorias y diarios como fuente histórico-educativa: tipologia y usos. In: **Teias** – Revista da Faculdade de Educação da UERJ, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 82-97, 2000. Disponível em:
<http://periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/20/22>

ZIMMERMANN, Tânia Regina. MEDEIROS, Márcia Maria de. Biografia e Gênero: repensando o feminino in: **Revista de História Regional** 9(1): 31-44, Verão 2004